

Apresentação de As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria

*Fernando Borsato*¹²²

Resumo: Esta comunicação visa apresentar alguns dos resultados de pesquisa de mestrado que propôs o estudo sistemático das assinaturas empregadas por Machado de Assis, ou a ele atribuídas, ao longo de sua obra, considerando-se “obra” a totalidade dos textos incluídos e reconhecidos sob esse nome. Na pesquisa, foram identificadas 87 assinaturas, que englobam variações do nome civil do escritor, iniciais, pseudônimos e criptônimos, utilizados nos diversos gêneros que praticou. Verificou-se, assim, que ao compor seus livros em torno da assinatura “Machado de Assis”, estampada na capa de todos os volumes que publicou em vida, o escritor trabalha incessantemente na unificação, afirmação, e institucionalização de seu *nome de autor* e de sua imagem autoral. Por outro lado, também trabalha incessantemente na desestabilização e refração desse nome e dessa imagem por meio da variedade de formas com as quais assinou seus textos em periódicos e manuscritos, bem como pela proliferação de instâncias narrativas e autorais que produziu em seus textos ficcionais. Observa-se também que as fronteiras entre categorias como “dentro” e “fora”, “vida” e “obra”, “autor” e “narrador” são borradas pela concorrência de assinaturas e pelo uso de outros paratextos, ferramentas que possibilitam o paradoxo da junção dessa dupla condição de dispersão e unidade. Esse talvez seja um dos principais temas machadianos, que vêm à tona na problematização da dispersão e unidade das coletâneas de contos, como se dá nas advertências de *Papéis avulsos* e *Várias histórias*, ou na afirmação de um “pensamento interior e único” a organizar um romance tão fragmentário como *Esau e Jacó*, ou ainda na multiplicação de instâncias narrativas e autorais identificadas a personagens como Brás Cubas, Bento Santiago e Aires. O duplo sucesso da realização desses movimentos contrários se verifica, por um lado, nas diversas interpretações e apropriações de sua obra, de seus paratextos, autores e narradores; e, por outro, no poder simbólico e institucional desse *nome de autor*,

¹²² Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira na mesma instituição. Email para contato: fernando.borsato.santos@usp.br. O texto que segue é uma apresentação da dissertação defendida em fevereiro de 2021, disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-24052021-190413/pt-br.php>

capaz de engajar gerações de leitores e críticos interessados nas obras associadas ao nome “Machado de Assis” e na associação de suas próprias assinaturas à do escritor.

Palavras-chave: Machado de Assis; autoria; assinaturas; paratextos.

Ao longo de mais de 50 anos de vida literária, Machado de Assis lançou mão de muitas e variadas assinaturas nos diversos gêneros de escrita que praticou: poemas, peças teatrais, romances, contos, crônicas, ensaios, cartas, prefácios e advertências – para seus textos e para textos de outros autores –, dedicatórias, e também contratos e outros escritos de ordem burocrática.

Para além de uma grande quantidade de pseudônimos como “Lelio”, “Eleazar”, “Manassés”, “Gil”, “Sileno”... – e já nisto o escritor não parece ter tido par brasileiro – que em nada lembram seu nome civil, Joaquim Maria Machado de Assis, as diversas elaborações feitas a partir dele, usadas como assinatura, também figuram e concorrem em sua obra muito antes e além da assinatura de Brás Cubas na célebre advertência “Ao leitor” e das iniciais “M. de A.” que subscrevem as advertências de alguns de seus livros, como a de *Memorial de Aires*.

A assinatura é elemento paratextual que, nos livros, aparece já na capa e no frontispício (ou folha de rosto), onde se estabelece uma relação em que se declaram, além do título da obra, o nome do autor, e muitas vezes a editora e ano de publicação. A prática do frontispício já estava consolidada no século XIX e foi através dela que Joaquim Maria Machado de Assis, que assinou de muitas formas ao longo de sua vida (por vezes fragmentárias e esquivas, conforme se verá), escolheu e definiu um *nome literário*,¹²³ uma assinatura autoral, ou um nome artístico, que passaria também a funcionar como *nome de autor*.¹²⁴ “Machado de Assis” é uma assinatura, entre outras, presente já desde o início das publicações dos primeiros textos, mas que foi definida e se manteve estável para as publicações em livro. Como se verifica, já desde as publicações de *Desencantos* (1861), *Teatro* (1863) e *Os deuses de Casaca* (1866), no início dos anos 60, o nome que aparece

¹²³ O *nome literário*, segundo formula Nóbrega (1981) está na extremidade oposta ao completo anonimato. É um nome escolhido por um autor para figurar em seus textos, que não causa nenhuma dificuldade nem efeito de ocultação, ligando-se facilmente à pessoa. Também se liga ao nome destinado ao reconhecimento social, conforme Lilti (2014).

¹²⁴ Conforme formulou Foucault (2006), o *nome de autor* teria uma *função* classificatória, legal e institucionalizante, além de ser um ponto a partir do qual as contradições entre textos se resolveriam a títulos de “evolução”, “maturação” etc.

no frontispício é “Machado de Assis”, que passou a ser utilizado até mesmo nos cartões de visitas do escritor até o final de sua vida.

Um dos vários exemplos envolvidos nos processos de consagração e autoconsagração em torno desse nome é o da publicação de *Tu só, tu puro amor*, peça escrita e representada por ocasião das comemorações do tricentenário de Camões, em que se verifica a insistente associação de sua assinatura com a do poeta português, não apenas por meio da representação da peça e do lançamento do livro, que teve tiragem numerada e autografada,¹²⁵ mas também nas resenhas elogiosas publicadas por seus pares e amigos na imprensa.

Tais resenhas, nem sempre assinadas, acabam por corroborar hipóteses como a de Teixeira (2010) e Crestani (2014) que supõem uma colaboração de Machado de Assis na divulgação de seus livros e na edição de partes literárias como a de *A Estação*. Assim também se pode entender o caso envolvendo a polêmica, que aconteceu nas páginas do *Correio Mercantil*, em torno da publicação do conto “Confissões de uma viúva moça” no *Jornal das Famílias*, como notaram Gledson (1998), Magalhães Jr. (2008) e Crestani (2009) envolvendo diversos supostos leitores que julgavam a moralidade do autor do conto, que assinava com o pseudônimo “J.” e que ao longo da polêmica revelou seu nome, Machado de Assis. A hipótese defendida pelos críticos é de que Machado de Assis, em colaboração com o editor B. L. Garnier, teria sido responsável por sua criação.

O processo de estabelecimento, consagração e autoconsagração de seu *nome de autor*, iniciado com a publicação dos primeiros livros e pela reprodução desse nome em traduções, dedicatórias, pareceres, e mesmo em seu cartão de visita, atinge seu apogeu com a criação da Academia Brasileira de Letras, a partir da qual o nome da instituição passa a figurar como uma espécie de segundo sobrenome do autor, selo ou espécie de epíteto, nas folhas de rosto dos volumes que publicou.

A pesquisa também identificou que os paratextos e assinaturas de Machado de Assis, que passam a representar a figura autoral e mesmo a exibir ressalvas como “Esta comédia, embora impressa, não pode ser representada sem licença do autor”, como se vê em *Teatro* (1863) e *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), em um momento de grande debate em torno na definição dos direitos autorais, revelam a preocupação e a

¹²⁵ No exemplar da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, verifica-se a insistente repetição do nome Machado de Assis, que, intercalado com o nome de Camões, chega a aparecer nada menos que cinco vezes antes do início do texto da peça. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5274>. Acesso em 2 de janeiro de 2020.

inserção de Machado de Assis nesse debate. Desse modo, não seria demais dizer, diante das tensões em torno da definição e regulamentação dos direitos autorais no país, protagonizados por editores, escritores, empresários e políticos, que, de modo discreto, Machado de Assis tenha tomado posição junto aos colegas em favor dos direitos do autor e mesmo de uma profissionalização do escritor.

Embora tenhamos visto, até agora, que nas capas dos livros que publicou, Machado de Assis estampou seu nome de autor de modo sistemático e estável, vê-se também que o escritor assinou de muitas formas ao longo de sua vida literária: valeu-se de pseudônimos, iniciais, variações do nome civil e símbolos de diferentes tipos que foram e vêm sendo reunidos, recuperados e atribuídos ao autor.

A “Obra” (no sentido de conjunto) de Machado de Assis, a partir da publicação da *Bibliografia de Machado de Assis*, organizada por Galante de Sousa em 1955, passou a ser reconstituída (ou mesmo reconstruída ou reaberta) e ampliada, mas não completamente à revelia do escritor, mas, a princípio, a partir do incentivo e das indicações que ele próprio deixou, sobretudo pelo procedimento da *autorreferência*, em documentos assinados com seu nome de autor – como se ele mesmo previsse ou então destinasse uma sua “Obra” à “reabertura”.

A “Obra” de Machado de Assis foi ampliada também com os trabalhos de Raimundo Magalhães Júnior e Jean-Michel Massa. A esses pesquisadores seguiram-se muitos outros que a partir de outros lugares de legitimação, como publicações feitas por instituições do Estado ou acadêmicas, em livros e periódicos, foram ampliando a constelação de assinaturas e “obras” reveladas e incluídas sob o nome “Machado de Assis”. Até mesmo Carlos Drummond de Andrade chegou a atribuir os pseudônimos “Camilo da Anunciação”, que assinou o conto “A vida eterna”, publicado em janeiro de 1870 no *Jornal das Famílias*, e “Marco-Aurélio”, que assinou “Possível e Impossível” de janeiro de 1870 no mesmo periódico, ao “Bruxo do Cosme Velho” (espécie de epíteto, também criado por Drummond, que se uniu ao nome de Machado de Assis). Abaixo, relacionamos as assinaturas que se encontram sob o nome de Machado de Assis:

Assinaturas sob o nome Machado de Assis

1. **
2. ***
3. ?
4. A.
5. Alzira C.
6. As.
7. Assis
8. Austríaco
9. B. B.
10. Boas Noites
11. Bras Cubas
12. Bras de Cubas
13. Camilo da Anunciação
14. Cham
15. D. Juan
16. d'Assis
17. Dr. Semana
18. Eleazar
19. F.
20. Gatinho preto
21. Gil
22. Glaucus
23. Humoristas
24. J.
25. J. B.
26. J. J.
27. J. M. M. A.
28. J. M. M. Assis
29. J. M. M. d'Assis
30. J. M. M. d'Assiz
31. J. M. M. de Assis
32. J. M. Machado d'Assis
33. J. M. Machado de Assis
34. J. X.
35. J.m M. Machado de Assis
36. João das Regras
37. Joaqm M. Machado de Assis
38. Joaqm M^a Machado de Assis
39. Joaqm Maria Machado de Assis
40. Joaquim Maria Machado d'Assis
41. Joaquim Maria Machado de Assis
42. Joaquim Maria Machado de Assis!
43. Job
44. Lara
45. Lel.:
46. Lelio
47. M.
48. M. A.
49. M. Assis
50. M. D'A.
51. M. d'Assis
52. M. de A.
53. M. de Assis
54. Machadinho
55. Machado
56. Machado d'Assis
57. Machado D'assis
58. Machado de Assis
59. Machado de Assiz
60. Malvolio
61. Manassés
62. Marco-Aurélio
63. M-as.
64. Max
65. Maximo
66. Milliès
67. O Autor
68. O Caturra
69. O. de S.
70. O. O.
71. Otto
72. Platão
73. Próspero
74. S.
75. Sigma
76. Sileno
77. Sousa Barradas
78. Um desconhecido
79. Uma mãe de família
80. Victor de Parma
81. Victor de Paula
82. X.
83. XXX
84. Y.
85. Z.Z.Z.
86. [Dom Casmurro]
87. [Aires]

Se na poesia e no teatro, conforme mencionamos, encontram-se um enorme investimento na figura do “Autor”, de sua assinatura e do *nome literário*, é justamente na publicação variada e experimental das crônicas que se percebe uma crescente participação das assinaturas na construção de sentido e na instabilidade e tensão da figura autoral.

Se considerarmos o texto “A lanterna de Diógenes”, publicada no *Correio da Tarde* em 22 de outubro de 1858, como pertencente a esse gênero,¹²⁶ poderíamos dizer que foi na crônica que apareceu o primeiro pseudônimo “verdadeiro” de Machado de Assis, o ponto de interrogação “?”. As assinaturas utilizadas até então, nos outros gêneros, eram variações de seu nome civil, sob o artifício da descaracterização onomástica, ao passo que esse, até recentemente desconhecido (cf. BORSATO, 2019), representa a primeira ruptura significativa com essa variação. A escolha do pseudônimo não poderia ser mais sugestiva. Em um texto em que se discutem o nascimento, a imitação e a (má) adaptação da figura do folhetinista às terras brasileiras, o cronista assinava com o um pseudônimo enigmático.

É possível identificar que as práticas de assinatura se complexificam, nas crônicas, com o passar do tempo. Lugar de experimentação, o gênero possibilitou ao escritor diversas experiências com as assinaturas que seriam importadas para a ficção e principalmente para os romances, onde ganhariam elevados graus de ambiguidade. Nos romances, através da edição e reedição de si mesmo, Machado de Assis, refratando a figura autoral entre autores e editores ficcionais (como Brás Cubas, Dom Casmurro e Aires) e mesmo em versões de si mesmo, diferentes ao longo do tempo, como no caso da “Advertência” da nova edição de *Helena*, e mesmo aludindo e citando seu *nome de autor* entre *centenas* de outros nomes de autores (Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Pascal, Heródoto, Camões, Moisés, Ésquilo, Erasmo...) ¹²⁷ por meio de epígrafes, menções, alusões e citações, Machado de Assis (e aqui este nome ganha o estatuto de princípio regulador) nos coloca diante do problema da responsabilidade e origem da subjetividade, e das ideias como expressão dessa subjetividade – da origem, enfim, das histórias, dos textos, do pensamento, da identificação de um outro com sua imagem, e de um “eu” consigo mesmo.

¹²⁶ Esse texto foi reformulado e publicado novamente sob outro pseudônimo (“M-as.”) em *O Espelho*, em 30 de outubro de 1859 na série “Aquarelas”, classificada por João Roberto Faria como crônica. Cf. FARIA, 2009.

¹²⁷ O banco de dados criado por Marta de Senna (machadodeassis.net) registra centenas de autores aludidos ou citados por Machado de Assis apenas em seus contos e romances.

Referências Bibliográficas

- BORSATO, Fernando. “Ponto de interrogação: pseudônimo desconhecido e texto inédito de Machado de Assis” in *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 12, n. 28, p. 55-72, dezembro de 2019.
- CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis e o processo de criação literária*. São Paulo: Edusp: Nankin, 2014
- _____. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.
- FARIA, João Roberto. “Introdução” in ASSIS, Machado de. *O Futuro*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.
- FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?” in *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Col. Ditos e Escritos. Vol.3. Org. Manoel Barros da Motta; tradução, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GLEDSON, John. “Os contos de Machado de Assis : O Machete e o violoncelo” in ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos: uma antologia*. / Machado de Assis. Seleção
- MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.
- MAGALHÃES JÚNIOR. “As repetições de Machado de Assis” in *Machado de Assis desconhecido*. São Paulo: LISA – Livros irradiantes S. A., 1971
- _____. *Machado de Assis: vida e obra*. 4 vol. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora Record, 2008.
- MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis – 1839-1870*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- NÓBREGA, Mello. *Ocultação e disfarce de autoria: do anonimato ao nome literário*. Fortaleza: Edições UFC, 1981
- SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.
- TEIXEIRA, Ivan. *O Altar & o Trono: Dinâmica do Poder em O Alienista*. São Paulo: Ateliê Editorial: Editora Unicamp, 2010.